



A HISTÓRIA QUE EU SEI

(Sertão Ferreira)

CEPI - 1213
DATA 21 05 86
000 GHD10

Vou narrar nestas linhas um pouco da história que eu sei sobre os INDIOS GUATÓS; D. Maria Domingas, minha avó, nas horas de folga quando ela não estava pescando ou caçando, ela começava a me contar a história dos antigos Índios Guatós.

Ela contava que no ano de 1910 morava na ilha Bela Vista mais de 600 índios Guatós. Quando secava o rio Paraguai nos lugares como, a boca do cracará, ou no Porto Conceição, ou no rio Alegre, aí quando vinha a enchente todos se reuniam novamente na ilha.

Os principais chefes, como seu João Matias que foi criação do sertanista e amigo dos índios, Marechal Rondon.

Outros dos veteranos e principais chefes foram o sr. João Artuja, falecido, D. Maria do Rosário, que era minha bisavó, que já faleceu também, seu Leonor de Carvalho, D. Maria Domingas que era minha avó e outros que me falham à memória no momento por que todos já faleceram e estão sepultados na ilha. E outros que ainda estão vivos como seu João Querino de Carvalho, que agora se encontra recolhido na Casa do Índio em Campo Grande/MS.

D. Zulmira de Carvalho, irmã de João Querino de Carvalho, se encontra morando na ilha com seus filhos e netos.

Todos estes veteranos nos contava que esta ilha foi doada a eles pelo sr. sertanista Candido Mariano Rondon. Este que gostava muito de estar em comunhão com os índios, e para que eles não ficassem desamparados permitiu que continuassem morando definitivamente na ilha. Só que naquele tempo o nome da ilha não era Bela Vista o nome era Ilha de Uberaba. No ano de 1925, chegava na ilha um sr. por nome de Olalio Soares, que tinha por apelido de Cholo que era também muito amigo dos índios. E ficou morando na ilha juntamente com sua família. E colocou nome no lugar onde ele morava de Porto Bela Vista.

Cholo criou ali filhos e filhas, criou gado e plantou roça, auxiliado pelo sr. Miguel Gatasse seu filho José Grande este já falecido. José Grande foi quem mediu a ilha pela primeira vez, e foi também quem pela primeira expulsou maior parte dos índios que moravam na ilha, e os que foram expulsos ficaram perambulando pela beira do rio Paraguai. Em 1928 existia um pequeno destacamento na Boca da gaíva e neste mesmo ano o destacamento foi recolhido novamente para Cáceres.

Com o passar dos tempos, Cholo vendeu a propriedade dele para José Grande. Depois de alguns anos José Grande, morreu, aí a fazenda passou para o sr. Miltom Pessoa, este até agora é o proprietário da fazenda de gado em Bela Vista do Norte. Ele arrenda parte da terra do Exército, e os índios que ainda moram na Ilha vivem perseguidos pelo fazendeiro e seus gados. E por tudo isto que meus irmãos tem sofrido, porém Deus tem me dado força e coragem para que junto com minha esposa lutarmos junto com a Funai, Órgão responsável pelos problemas dos índios nossos irmãos, só que até agora temos lutado sem obter resultado. Mas com força de vontade que nós temos, esperamos um dia vencer. Por que tenho lutado e muitas vezes me canso das promessas e mais promessas sem respostas satisfatória. Um dia uma coisa, outro dia outra promessa, uns prometem, já vai solucionar seus problemas, e suas terras breve vão ser demarcadas, e nada, aí eu digo, acho que vou abandonar este negocio, por que já me cansei, eu preciso trabalhar pois tenho os meus filhos para criar, para educar e quando já estou para desistir a minha esposa com seu espírito lutador não me deixa desanimar aí juntos nós prosseguimos na luta em prol dos meus irmãos Guatós.

Espero que tenhamos vitória, porque que nós mais precisamos é a demarcação das terras; um barco a motor de centro uma escola e um posto de saúde, pois tem muito índio doente e necessitamos de tudo.

O sr. João Quirino de Carvalho já sofreu bastante pois ele é um velho de mais de 100 anos e esses 100 anos foram bem vividos na luta do dia a dia lá na ilha, quando a caça era aberta para todos, ele vivia da caça e fazendo canoa. Agora ele se encontra abrigado na Casa do Índio, mas ele se diz que esta só esperando a demarcação das terras para ele poder voltar lá para a ilha, ele diz que quer morrer lá para poder enterrar os seus ossos junto com os antepassados.

A irmã dele que mora lá na ilha já esta bem velha e quase não enxerga mais, porém João Quirino ainda esta bem lúcido, gosta de cantar e ainda fala muito bem a língua, tem vontade de trabalhar só que a vista dele esta muito fraca e quase não enxerga mais. Os meus antepassados contavam também que não eram só os Guatós que moravam lá na ilha, eles diziam que tinha outras raças de índios de línguas diferentes e que com o passar do tempo eles desciam o rio Paraguai em caravanas de 10 e 15 famílias a fim de procurarem outros lugares para formarem as suas próprias Aldeias. Eu não sei, mas talvez possam ser nossos irmãos Terenas, Kadiuweus, Guaranis ou Boróros.

Agora mesmo eu estive conversando com uma índia que tem mais ou menos 70 a 80 anos, e ela estava me dizendo que os Terenas eram bem próximos dos Guatós e que maravilha sermos bem próximos uns dos outros, sendo assim, todos em uma só família.

E por sermos uma família estamos dispostos a ajudar uns aos outros, sofremos em conjunto e por isso eu espero que voces meus irmãos que estão lá no alto que estão no poder, sofram conosco, e nos de uma força, lutem por nós para que juntos possamos vencer.

Lutem conosco pela demarcação de nossas terras lá na ilha de Bela Vista, por que eu penso que entre irmãos Índios só nós Guatós que ainda não temos o nosso lugar legalizado, e sofremos pressões de todos os lados eu principalmente que estou como capitão da tribo me sinto enjaulado por que os que lá estão na ilha me escrevem pedindo para que eu tome providencias para a respeito do sofrimento deles lá diante do fazendeiro que quer que eles saem de lá, perseguem de todo jeito, não vendendo alimentos para eles que começam a passar até fome, e os outros que estão na beira do rio querendo voltar para a ilha e o fazendeiro não deixa eles entrarem, os que estão em Corumbá também ficam querendo saber quando é que eles podem ir para lá eles querem morar na ilha. Ainda a ilha que pertenceu aos seus pais, aos avós, e eu o que faço, pois eu também quero ir para lá, minha vida é lá, lá eu nasci e me criei, caçando, pescando e brincando naquela ilha maravilhosa. Todos querem voltar ao seu verdadeiro lar.

Peço Sr. Presidente da FUNAI, que esta lá em Brasilia, ao Sr. Superintendente de Cuiabá, que olhem por nós GUATÓS.

Que sofremos por não termos um lugar onde possamos plantar e morar sossegadamente para que quando a noite chegar possamos deitar e dormir sossegados sabendo que quando amanhecer vamos ter um lugar só nosso e podemos estar tranquilos que tudo que está a nossa vista é nosso e ninguém vai nos expulsar, para que isso aconteça, contamos com o interesse de voces. Morava também naqueles tempos outros índios veteranos como o sr. José Baca e família, o sr. Manoelão e família, seu Estevão e família, seu Sebastião Sampaio e família, seu Manoel Santana e família, seu Justo Romano e família, seu Paulino Jorge Caetano e família, seu Augusto Rindom e família este já falecido, seu Paulo Batista Ribeiro e família, seu Antonio da Costa e família, seu Alberto Aponte e família, seu Inácio dos Santos e família, dona Marica Aponte, seu Antonio de Assunção, seu José da Costa, d. Maria Domingas Soares e família, seu Aprigio de Oliveira, e outros que me fogem da memória. Estes foram alguns dos meus vizinhos da ilha, há outros que no momento não me lembro.